



Êxodo





Êxodo

Matheus Bueno
(מתתיהו בואנו)

νεῦρον

Corrego



B928

Bueno, Matheus
Êxodo / Matheus Bueno – São Paulo: Córrego,
2018. Série Neûron.

62 p.; 14 x 21 cm

ISBN 978-85-7039-010-3

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Bueno, Matheus. II. Título.

CDD 869.91

Capa

Gabriel Kolyniak e Matheus Bueno

Editora Córrego
Rua Araújo, 355 31
República São Paulo SP
01220-020
editoracorrego.com.br



aos meus grandes amigos Rodrigo Bravo, Josuel Santos,
Seraphim Pietroforte, Bruna Braga, Tamara Vishniac,
Alexandre Mazak e Gabriel del Bello (a.k.a. Ablativo).



✎

Eu estive em outros prados do Universo
lugares cujo prisma refletia cores
mais saturadas e o firmamento
púrpura um dos efeitos cuja causa
rastreei e conclui com meu irmão que
o fumo marroquino permitiu
naquele mínimo espaço de praça o
aparecer de um oceano quântico
em flutuação a suspender-nos
ao deserto das infindas possibilidades.

↵

Lançamos lá nosso barquinho conscientes
do fracasso, tão teimosos, e seguimos no
encalço destes sábios a fitarem as
estrelas gerações a fio sem descanso
a arrefecer a vista e o cérebro pensante:
escudo erguido contra as pragas desta
safra à terra arada por suor de rosto
humano.

⌞



שמות

Vejo que hesita,
gagueja e gagueja o gago:
tímido Moisés.

Ardente arbusto
por conhecer sua origem:
sempre duvidoso.

Profeta e Príncipe
– pausa de quarenta outonos –
exílio de
ערץ

Berra
אל
ordens de cima do monte,
e volta ao Sinai.

Moisés furioso
espreita ao longe o bezerro:
permanece a Lei.



Nevasca do Monte Sinai ao longe

Incide a Sarça ao ermo incenso Criador
ouve-se a Voz aonde fluem quatro rios
em direção ao precipício a desabar
da nona cúpula vão todas as Galáxias.

ערבית

A reza ao poeta é a conversa inacabada
se curva e ereto ainda no átrio se dirige à Divindade
Você me mantém vivo e agradeço.

Me vejo correr e correr, mas não alcanço
meu destino, tampouco esconderijo, e bem
no meio do caminho eles me encontram, berram:
“É ele quem sabe! Coloque-o na fogueira!”

Não somos heróis, mas
heroína é a melodia que
somente Tu
entoas: me recorda um fato
incômodo...

*os peixes desse mar – Tu dizes –
são assassinos sanguinários,
Eu vou levar cada semente maculada*
מערץ מצרים לערץ ישראל
à corte de poetas e profetas!

שיבנה בית המקדש
במהרה בימינו
ותן חלקנו
בתורתך

Eu procurei pelo
אש תמיד
onde almas e fantasmas levantam suas taças
a brindar o vinho enquanto
Rei David assopra o chifre do carneiro e
ali tive um lampejo:



*Há tempo para tudo debaixo deste céu
& o tempo linear é, na verdade, relativo:
vanidade o que se avista por detrás do véu.*

Nós somos os guerreiros e
também nós somos luz, somos a
glória do Monarca & somos
dentes e veneno delirantes como
a sintetização mais consagrada da
Papoula;

ladinos desterrados
somos o sangue de Jacó e
qual José nossos irmãos nos querem longe
por nossos sonhos apontarem que era tempo
de deixar as dúvidas e recusar
de uma vez por todas o lançar (da sombra)
dos dados
que imperfeitos se lançam hendecassílabos.



Exílio

para Gabriel Kolyniak

Ao cabo dos tempos das vacas gordas
não houve quem drenasse o rio Eufrates
e lhe tirasse o sangue
apátrida inocente.

Rumo à nobreza muitos se perderam:
perdemo-nos na estrada do desterro
sem ter o que fumar.
& quem não se perdeu?

“Era coisa de judeu e a findamos”
(e sempre souberam que para o Estige
conduziu nossa terra
o pior trem do mundo).

Surdos e mudos, sem feição, olhar
profundo, trapos apátridas, trevas
sem o peso das ervas,
sem tempero à viagem

e revestidos pelo aspecto apátrida.
Uma ruína que os transforma em cinzas;
sua casa em Aleppo: um
local de sacrifício.

Quem permanece acena sem saber
a quem cujo desejo é o de voar
enquanto viajamos,
mas está proibido.

Fumaça de tabaco rói o ar
os apitos não soavam redenção,
apenas um alívio:
outra terra exilada.



Ninguém ouvia ou via o que diziam,
mas seguiam pela via até o fim
e, sem motivo, então
se erguiam as memórias.

Os que restaram nus & em frangalhos
desconheciam como proceder
à margem da lembrança
perante um novo exílio.

Quintal das bananeiras sob a chuva
a terra farta produzia o fruto
da raiz que tomamos
sem qualquer restrição.

& assim, até hoje, caminho apátrida;
caminhamos, como os outros, a lentos
rastros de imprecação,
sem laços com a terra.



em Jerusalém ano passado

Quando chegamos em Jerusalém
eu, Rodrigo, Josuel e Vicente,
o Kotel me lembrou de um tempo além
do que vivemos nós. E consciente
aquele muro ainda se mantém
histórico e à cores sobre a mente
de um povo odiado por insipiências
de clérigos e mitos incoerentes.

O muro, mero espectro do passado,
de espada em mãos, emulava um guerreiro
porquanto atravessou muitas camadas
de carvão em direção ao candeiro
chamado Menorá, ponto adequado
para também lembrar dos pioneiros
que, mártires, têm cinzas tão pesadas
quanto às da geração de prisioneiros.

A reza dos judeus em frente ao muro,
feita no mês de Av, ao nono dia,
mantém viva, ainda que no escuro,
minha preciosíssima criptogamia.
Eu vejo diante dos meus olhos, juro,
a geração que pela poesia
reconstruiu o Templo no futuro:

onde era terra coberta de terra
arada pelo metro agora expõe
caminhos pelos quais não mais se erra.
Seu passado finalmente depõe
o sangue derramado pelas guerras
saques massacres e perseguições
que sem discernimento algum encerram
frutíferas e sábias discussões.



Exílio é uma palavra muito forte,
concordo, tem múltiplas faces? sim
Rodrigo vive duas: falta sorte
a ele; pelo menos em Purim
alguma luz lhe acende quando corto
veloz, na Sinagoga, um par de linhas
bem cerzidas, certo passaporte
à inserção em seus versos da síncope

que coloquei aqui para lembrar-me
do tempo em que ficávamos chapados.
Retorno ao poema, sem demorar,
ao leite e mel da cidade dourada:
é parte de nós como o abrir do mar,
o nosso povo vive nesse prado
desde que Moisés conversou com a Sarça
e nos guiou, enfim, à liberdade.

O altar, que antes queimava os sacrifícios
Levíticos, agora, pela névoa
da Sarça é levado a novos ofícios
um deles este de espantar as trevas
por meio do *tikun olam* em ritmo
tão desacelerado pela erva
que às vezes até mesmo se omite
uma elisão e outra se preserva.



התקווה

Enquanto em nossos circos neuronais
acender a israelita sinapse
& em direção ao Oriente árido
Sião o cérebro de novo olhar
jamais será nossa esperança irreparada

a esperança de dois torpes milênios

de ser um povo livre em nossos prados

Terra de Sião & Jerusalém.



Varição sobre o Salmo 137

Se de ti
– Jerusalém –
me esquecer
que seja imóvel minha
destra
& seja muda
minha língua
eternamente
pois com
força
retornamos
à dourada Cidadela.



קנמן-בשם

Cultivo limoeiros numa praia
do Oceano Índico, rego minhas
plantas rio abaixo, o céu lilás joga
o verso em dobra conduzido pelo ouro
da cidade dourada que as cultiva
desde os tempos dos filhos de Jacó.

Uma curta brisa sopra, contempla
meu escrito, vou tecendo em celulose
comprimindo cada sílaba num mínimo espaço de
[verso
mais que uma sinapse ou supernova é a
Hipernova das ideias.

Uma onda abre a série, limpando a
maré, a segunda, crescente, carrega as
quentes correntes do oceano, a terceira
e a quarta eu passo por cima e prendo
na quinta, finalmente a prancha eu remo, a onda
fecha o verso flui em diagonal, vai
até o canal em que um barquinho
marroquino munido
de latinhas de Haxixe
aporta.



Ibéria Medieval

Olhar entre abóbodas
pálpebras que se fecham agachadas
outras balançando os troncos
remando para cima
libera um olhar;

Helena sozinha na fortaleza
o céu, cinza, em cruz: o fim é próximo;

à cruz inclinados,
seguem o trilho da luz:
nosso fim é próximo.

Se eu fosse como tu
e tu se fosses como eu
não estaríamos
travando a mesma luta?

Os ladrilhos
as lentes polidas
juntos, ambos
poças de civilizações:
bocados de silêncio.



O Sidur de Haim Bueno

Quão belas são tuas tendas, ó Jacó,
também as tuas moradas, ó Israel!
O sentinela, calado, em Beth-El
observa-os, enquanto imprime à sua ode,

a cada verso e estrofe, menos ódio.
Sua poesia agora, além de eterna,
é cantada na língua pré-babélica
neste velho livro da Sinagoga

Varnak, de Salônica, que, refúgio
sendo aos filhos de Israel, permanece
viva nas páginas deste Sidur

que ao Brasil veio fugindo dos néscios
e aqui acabou encontrando seus ébrios
irmãos e irmãs perdidos de Andaluz.



Acordo Semita

À orla do Mar
mudo ele vai a mirar
seu quebrar regrado.



Epigrama Semita

Mudo ele vai a mirar o seu Deus
que tácito vasto preenche celeste
a orla do mar retumbante das ondas
de quebrar regrado.

Trépido e exíguo repete a oração
um corvo se alinha no tronco recurvo
e grasna sincero uma súplica surda
ao favor de Atena.



שחרית

Celebro o Verbo que não posso ser,
que no princípio semeou Seu Crânio
em Cavernícolas Criptogamias,

elegias salomônicas pelas quais

celebro a língua repisada por milênios
invencível manifestação da
Linguística do Máximo Impossível.



Variação sobre o Salmo 91

Eu digo: és meu refúgio, minha fortaleza,
o Verbo em quem confio; o Nome que me salva
das ímpias armadilhas e retira-me do alvo.
O estudo e a escritura são sua natureza.

Cantava, do terraço, feliz, as estrelas
e nelas constatei não mais que o óbvio:

na escala do Universo somos quarks
mas nosso pensamento é como a luz
de um quasar formidável que fulgura
milênios-luz a perderem-se de vista,
e a milenar sensação de ser um
me leva a crer que, uma vez moldados,
nada nos molda de novo da terra
por isso, quando louvo o pensamento humano
– que excede e se confunde com o Inventor –

louvo o Verbo, a Linguagem e tudo o que pôs
a mente humana em situações de dúvida.



Tropeço

Tropecei
– não lembro o tempo –
em um tablado a me dizer
Monarca de meu próprio freno
 coroado
pelo Fado ou pelos deuses.

Concebia a
 mente
em seu inverso & penso o
 leve peso
das correntes deste & d'outros
incontáveis versos
ditos desde a

gênese
do ser humano
ao esvaír das sí
 la
 bas

que em mil conflitos de sentido
concretiza e Executa
o êmulo da Língua & Cria os próprios
 Mitos.



Humana Missão

Sábio aquele que se esconde na ciência,
propõe-se a inseri-la nos seus versos
& ao elemento que negou o cérebro
responde ténias com secretas pernas.

No vale vive um povo cuja ciência
acaba na incoerência do indivíduo
tão ímpar quanto a soma de 1+7.

Seu desprezo pela mente
Humana manifesta
um gesto ao festejar seu retrocesso.

Dar nome a tudo o que o cerca
além do obscuríssimo horizonte:
única das primeiríssimas tarefas que
logrou cumprir o ser humano.



תורה

No princípio Luz
promessas sobre sementes
finda-se no Egito.

Dez pragas e um cetro
do gago a sina aprimoram
a fugir do exílio.

São dez decretos
de Leis de plantas sobre pedras
– cetro acerta a pedra –.

Enumera as tribos,
mimetiza o catálogo;
moldam o bezerro.

Tal Roma reconta
os mesmos feitos do cálamo
do legislador.



Israel

Que povo é esse que passou
por três milênios
perseguido em todo sítio
e sobrevive
embora fossem sempre muitos
seus adversários?

Que povo é esse que assumiu
o compromisso
de cumprir seiscentas e treze
ordenações
e, como a oliva, ao escolher
foi escolhido?

Quem são esses que dois mil anos
depois voltaram
trazendo sua língua antiga
e resistiram
guardando sempre estritamente
a antiga Lei?



Arte Poética

entrever o tempo
de cortar o verso & ata-lo
ao ritmo do renga.

'Orkami

do oco espaço opaco
cinge-Lhe a palavra... e Cria
cerejeira em זרע

Procedimento Poético

se, ao ler os antigos,
cavernícola me estico,
encontro meu verso.

Crânio

semíticos meandros,
criptogâmica caverna:
síncope constante.

Sinai

deserto: reflexo
de minha vida... e mônada
sempre indivisível.

Data

aprenda: o começo
do saber é não saber;
& isto é um dado, é fato.



Crítica

Uma capa fiz do meu canto
bordada de mitologias
antigas, mas os tolos não
entendem nada do que digo.

Deixarei que tomem meu canto;
a crítica do néscio nada
importa a quem sabe pensar
e que ao pensar faz muito mais.



Prado

à leiva

eleito

o verso

cela

a

cela

a si semeia e

se limita ao (ba)

lançar

do

ritmo

o verso

sempre a renascer do

inverso

é o pensar

suspenso em decassílabo cerzido

substituído pela necessária

nusga

&

nunca é sorte assinalada pelo acaso.



Varição sobre o Salmo 51

Descola meus lábios
& o teu louvor minha boca
há de declamar.

Sou cômico do lançar-me e
nunca sem razão meu verso
é ponderado
autorreplicante no poético
polígono.

Irrompe a Luz da ímpia
corrosão total que nós
trazemos neste verdadeiro apocalipse
de sintaxe insossa onde mar
algum sequer se agita.



מנחה

יהיו לרצון אמרי
פי והגיון לבי לפניך
יי צורי וגואלי

Preencho esta reza com sílabas ao
quebrá-las pelos versos mais
exatos;

por isso vivo entre contar a
areia no deserto e me lembrar
do Egito, e procurar meus
versos decassílabos no
contorno sacro das constelações;

que fale do Universo a poesia!
falando só de si não pode ir
a lugar algum que não o próprio umbigo
(o qual sequer repara que se fazem versos
hendecassílabos e alexandrinos);

que tragam o óleo da Menorá
para queimar por toda a eternidade
& por este antigo decreto, como
se não houvesse gravidade, nós
permaneceremos sãos, e sob
efeito do vento, como velas de
Shabat.

Que do pronunciar de minha língua
e meditar de minhas emoções
– os quais te dedico – nasça teu júbilo,
haShem: Rocha minha e meu Salvador.



Variação sobre o Salmo 19

Os céus revelam os feitos de בָּא
e o firmamento canta a Sua obra:
um dia Sua linguagem
e no outro a Sua sabedoria.

& mesmo assim não sei
se o tempo como o vejo
separa-se do espaço ou
se sou somente isca
no imenso oceano
inexplorado, mas cantado
por poetas e profetas
de outrora e de agora.

Mas sei de um incêndio
no tempo de outros tempos
no tempo espaço mais preciso,
e soube graças ao rumor da língua:

Sarça Ardente perduravelmente:
lume em que inflama longamente o *lógos*.



Quem cria da linguagem Multiversos?

Ereto, me inclinando frente ao Muro,
de olhos fechados, cada vez mais só
distante do que fui, mas sigo sendo,
confuso a cada vez que me aparecem
4 letras puras: constelação
de signos fumegantes para além
do fatigado tempo das gramáticas;

de duas bolhas nasce um novo verso
um mundo todo erguido em decassílabo
no qual caminho pela judiaria
ilícita, à parte do inimigo.

Entre terras, avanço para o rio
deslizante sem nunca desaguar
me crivo do fenômeno e derivo
às águas eu mergulho escapo e sigo
Hassídico no shtetl de Breslov
sem fumo ou Yeshivah para esquecer
mazelas cometidas por cristãos;
com o mesmo sangue polidor de lentes,

do sopro que chamamos pelo Nome
a mente nunca crebra, a cada trago
(com a cabeça ativa ninguém divaga)
um novo tempo é desvendado – quando
dispersos, avançamos pelos tempos –
no muro do verso, o templo se edifica
na sinapse Jerusalém é mais palpável
a redenção só existe na linguagem:
a língua é o Templo de todos os tempos.



Sonhei

sem saber se sonho ou
se mais uma dentre
tantas realidades eu
vivia (talvez no próprio
sonho uma elevada carga de
matéria escura me pegou e
pronto estava preso em
quânticas flutuações).

E ali te vi, Israel,
tu chegavas sem anúncio prévio
lavando a casa, invisível
noite adentro, real como
a sílaba que fecha o decassílabo.

Havia luz, mas não havia
salvação: que mundo é esse
cujas leis eu desconheço?

É só mais um dentre incontáveis;
fortuna grande eu tenho
de justamente nesse, em que
'inda existes, meus circuitos
neuronais aparecerem.

Acaso violei algum tipo
de diretriz quântica universal
e breve, por um átimo, nós estivemos
à mesma selva juntos novamente?



תלמוד

Sem perder qualquer lado
seguir pelo deserto
a luz – de cela em cela –
com lentes bem polidas
tal fosse um diamante
a ver divina obra.



Princípio atemporal

Enquanto Houve luz,
co'a matéria que restou
Houve linguagem,

e dela moldou,
transformando-a em pó,
a humana imagem.

Plena tempestade
não sabe se fuge ou ri,
se chove no Mar.

Onda a recuar
fractal, escapa e submerge a
cerejeira exânime.

Dobra 10

Moisés caminha pelo centro da galáxia
Josué, seu amigo, pela
sinistra se esvaía no quadrante oposto
agora mesmo, diz
Ezra, deveria estar em dobra 10,
pois quero ver de fato o que acontece;
não pode ser, Moisés, que
tudo o que vivemos como
povo acabe em
guturais.

As luzes de Shabat já são visíveis;
abertas, as cortinas transparecem
o antigo luto do degredo às preces
e às lutas deste povo invencível.

Rompe-se a represa,
& o dique de neurônios
entrando em colapso
total explode em diamantes:
perfaz-se num cíclico
interminável haikai.

Moisés tem sua visão, ideias
atravessam as montanhas, quanto tempo,
amigo, não se passou desde o Incenso?

É tempo de descer,
descer para o seu povo que sofreu
e concluiu que ser areia no deserto
e estrela ao firmamento é sempre estar
antes de estar em quantidade, na



medida exata do tcholent do Mundo,
como talvez diria Ginsberg, uma vez
que tudo começou com duas tábuas
& até hoje os herdeiros do nefasto
Império Romano fazem-nos pensar que um
carpinteiro é deus e filho e pomba...
ao mesmo tempo.

Moisés sozinho com duas tábuas de pedra
seu povo por quarenta dias aguardou
também eu aguardei
o sopro do ar que respirou Moisés
com a tocha às mãos, pronto a um outro trago
entre uma conversa e outra, um
verso e outro de poesia, talvez um vinho bem
nos caiba neste renga
עם האש תמיד
smoke marijuana weed,

mas não me esqueci
das fórmulas mais concisas
como este haikai.

Tentei dizer as minhas impressões,
desta travessia em dobra dez
mas não se espante leitor com
meus pensamentos confusos:
é o preço a se pagar
pelo poder da
onisciência.



Estrutura. Lógica. Função. Controle.

Tecer escritos coerções prescreve
mas não essa que dá nós à sintaxe
prefiro coagir meu pensamento
em formas um pouco mais fixas hoje
mas com um leve tom conversador.

Em minhas tentativas de buscar
השם, הקדוש ברוך הוא
vivi o exílio dentro do exílio, tal
Baruch, bendito polidor de lentes.

(Alguém se lembra das obras do Rabi
que redigiu o Herem de Spinoza?)

Por que escrevo, senão para legar
à humanidade um pouco do que pode
o cérebro do humano produzir?

Mirando רמב"ם, que se camuflou,
a escrita compreendi ser apenas
a função, a essência do controle
que exerço sobre mim guiado pela
lógica: o alicerce da escritura;

e fé, ápice do transcendental
caminho para a subjetividade:
estrada de areia e eternas chamas;
lugar onde a virtude do indivíduo
é ouvir e ouvir, avidamente,
os signos deste mundo e pesquisá-los
mirando talmudicamente os vários
caminhos para a interpretação.

E ao fim me encontro, sentado no topo
de uma montanha, doando meu sangue
às veias perfeitas da Criação.



נפש האדם

Não vês o fito divino,
a Terra indivisível, una como
Ele,
o *Homo sapiens*, também parte
Dele
encontra-se mais próximo de si
enquanto avança pelas águas
firmadas para ele navegar.



הלל

Se não por mim, quem?
Se só por mim, que serei?
Se agora não, quando?



Variação sobre o Salmo 49

Between your setuple niponic
kireji
I found myself
exiled trying to
dry the rain on my storm-
beaten rotten weed
improvising
the holy Jazz
of Campos Manuel and Allen

whose shining rhythm
I shall Compare
to the a(i)sh I'm
shaking out of
shadows through the pipe

to my nose-shine to your
mind
in which eternal verses are
laying down
inside your robotic skull to
find Seven

squared letters in the middle of
the bright line we
stretched and the

dark
cosmic background
light we fought against.



Terra Prometida

No horizonte do evento
uma equação matemática
orbita diferentes pontos de vista
no campo gravitacional da língua.

Mahler soa mais perto dos ouvidos
quando aguçada está minha audição
depois de quatro assassinos
assarem meu pulmão.



Judaísmo

É fé cuja beleza é duvida-la
pois verso algum se iguala ao

יהי עור



Encontra novamente a Fé tolhida

Eis-me
aqui de novo
costurando as franjas do טלית
ibérico.



al-Andalus revisitado

ℵ

a seta da entropia segue, mas
ainda sofro a refração da luz:
sou meu passado, presente e futuro.
Enfrentarei quantas metamorfoses
até o hipotético ápice da espécie?
Estraçalhado em cem cacos de vidro
à taça houve um aumento da entropia
e sondam-nos, suspeitas, no deserto
nossas origens ibéricas cortadas:
o vento do Oriente espreita e, num instante,
as dunas mudam quando a noite vai
e nasce alexandrino no deserto egípcio
a viver, na cabeça, cerebral,
como atalaia enleado à neblina
o poema do exilado ladino.

Partimos para a Argélia sem indiscrições
e florescemos em Durban envenenados
grudento igual haxixe marroquino
no machado de um conhecido lenhador
semita que se perde em Casablanca
e mantém para si o segredo
que nem Mallorca pudera decifrar:

a lua minguante, com Rigel à direita
do lado de cá de Istambul. Aurora
e não sabemos quanto se passou,
debaixo do mar algum horizonte
se confunde entre Oliveiras e Bravos
Buenos de Mesquita, como os meus
ancestrais holandeses tão perdidos
quanto aqueles que se escondem no Cairo
entre picos e vales de uma onda:

no vale do Islã o torto lançou grito
cruzadas por toda a Europa: reconquista
no pico da masmorra o falso fulmina
fugiu torto mas a cabeça cobriu
disse ao irmão vai armado e não seguro
porque haShem ocultara seu futuro
à mezuzá interna, já lhe procuram
acostumando-se a rezar taciturno.

Quem mais poderia cruzar o caminho
do Zajal peregrino bipartite
e tantas outras invenções. À Maqamá
o cálamo e a tesoura nos roubaram
y el collar de ibn-Hazm calzó
la paloma de horrible trinidad
y en Madrid no hay judíos, ni en Sevilla
la sangre de nosotros no hay que ver
quemada sino herrumbre del pecado
(dicen los cabalistas) lo ha borrado
los artificios asesinos de esos hombres
no tienen fin contra aquellos que un día
murieron porque buscaban el Nombre
en las vigílias de la judería.
Y aquellos que quedaron sin huir

*faciendo ayuntamiento y faciendo-les entender que no hay otra ley ni
verdad sino la ley de Moises.*

Y dijeron los Monarcas de Sefarad a los judíos
que partan con sus hijos e hijas sirvientes y familiares
pequeños o grandes de todas las edades al fin de Tamuz
y que no se atrevan a regresar a sus tierras.



Corremos para Oeste, corro para o Sul
corremos aos justos por santificá-los
teria sido tão difícil para Abrão
tornar-se Abraão em Canaã, e mais
difícil ainda se calar quando o
filho foi pedido depois de
protestar à tempestade em Sodoma?
& por que nesta Sodoma queimamos nós
por lenyos y con fuego?

Corona d'El Dio sovre nuestras cavesas.



Experimento de Davisson e Germer

Dois rumos cindiram num flavo luco
e pena não passar por todos
e ser um só por ambas fendas
e ter por um poema uma só rima
atrás de uma miragem
a ardente ideia de uma vida
nos becos pelos caminhos mais
desnudos do prodígio por
ares e por mares à cândida e
ligeira arquitetura: sonâmbulo
instrumento quântico.

Lancei a canoa no mar do futuro,
escuto a moabita sussurar
no compasso de um sábio a
fitar as estrelas atento ao que muito
se faz no negrume confuso do buraco
negro, do templo profético onde ervas
andinas e amazonenses compartilhadas
por cada Profeta.

Na terra o que fica é o sussurro dos
deuses, daqueles que os honraram
e por honrarem os deuses os seus homens
não houve praga a devorar a sua safra
plantada em terra árida pelo suor
dos rostos seus arada.



Χρύσης

ויוצא אתו החוצה ויאמר
הבט-נה השמימה וספר
הכוכבים אם-תוכל לספה
אתם ויאמר לו כה יהיה
זערך
(בראשית, טו:ה)

Fito na praia, feito um Velho, o horizonte
após o vácuo. Silêncio no Monte,
um som ecoa distante, tão longe,
tonteio, me vejo noutros prados.

Era mais um, confuso e assustado,
sem saber se era loucura aquela voz...
e preferia que fosse.

Temia o preço, escancarado ao
Céu que não se mede,
dessa promessa.

Sabia que os astros escondiam
outra função que a de ilustrar
quão perene seria, ainda que pouca,
sua semente.

O Céu que olhava era o relógio
Fixo,
o preço a se pagar pela bússola:
saber-se efêmero e, por
saber-se efêmero, seguir
pescando, ainda que jamais
fisguemos todos os peixes.



BREVE DIÁLOGO FICTO COM MEU AMIGO MATHEUS BUENO

Rodrigo Bravo

Madrugada. A sala do cubículo ensaia escapar à penumbra. Um verso clandestino arde o septo. Fito a tela em branco do computador, em horário mais do que proibido para os que têm trabalho no dia seguinte, já decidido a acabar logo com este texto depois de perceber que dormir já é coisa impossível. Sonny Stitt nas caixas abafadas do laptop Samsung caindo aos pedaços. *Ornithology* é o nome do opus. Recomendação sua. Meus dedos começam a escrever um ensaio de ensaio.

Como definir a poesia de Matheus Bueno? De fato por sua...

Ridículo. Exórdio batido. Apago-o. Quantos outros posfácios a livros de poesia comecei por essas linhas? Não que haja algum problema nisso – definir é sincero –, mas *Êxodo* não é como os outros livros de poesia que posfáciei ou analisei, cujos processos criativos se me ocultam em mistério e os quais intento revelar em fracassos adornados; *Êxodo* é texto cuja lógica vi estruturar-se, da inepção ao fechamento; é a soma das conclusões que você tirou de nossas reflexões calibradas de Shabat e expressou nas fórmulas sintáticas que costurou – suas e de outros poetas – em verso e estrofe. Não poderia, em sã consciência, tratar da mesma forma o que se me apresenta de modo tão diverso – quem ouve os deuses é ouvido por eles, diria Homero –. Poucos são os críticos que têm a honra de falar de seus amigos e irmãos de cálcamo.

Além disso, duas outras razões me coagiram a adotar este proceder insólito de escrita no descrever-te a arte. A primeira, meio tautológica, sub-solipsista: somos poetas Maximalistas. Quando inventamos mais essa dor de cabeça para nós decidimos que a corrosão do ego seria uma das diretrizes por que seguiríamos no ofício poético. Incorporamos o método talmúdico na composição e voltamos ao tempo em que poesia se montava quebra-cabeça de linguagem: o que minha cabeça concebia era escrito por meus dedos, projetado na tela da televisão e depois recitado nervosa e diligentemente por meu aparelho fonador, para então ser capturado pela massa elétrica do



seu crânio e rearticulado, em criptogamias cavernícolas, em novas tramas neuroniais manifestas em novos poemas que se nos revelavam. Não havia mais autor para os versos que escrevíamos e a gama de nossas possibilidades composicionais viria a aumentar exponencialmente quando inserimos outros poetas – vivos e idos – em nossos processadores analógicos. Se nossos poemas sempre foram construídos em diálogo, portanto, a forma convencional do ensaio acabaria por impossibilitar, a meu ver, que o leitor percebesse a ortodoxia com que conduzimos nosso escrever, de modo que me arrisco por essas investigações em diálogo sem saber se terão sucesso. Curioso, adiantando a risada quando me imagino lendo este texto a você e ao Vicente e depois discutindo e inserindo as mudanças que, com certeza, vocês não de me sugerir. No final, nem mesmo estas palas serão, de todo, minhas.

Falar da outra razão me obriga a reconduzir as vias cerebrais para outro patamar de articulação analógica. Vou lhe falar, meu amigo, se houvesse exame anti-doping para escritores nós seríamos todos reprovados. Traço outro verso, hexâmetro datílico, dedicado a si. Sabe como é, esse assunto é muito sério. A segunda razão pela qual o convoco neste texto é porque somos judeus, e nossa poesia é, necessariamente, afirmação de nossa identidade judaica; nela, grita nosso manifesto de direito à existência e à descrição poética da realidade. Sholem Aleichem se justifica em Stempenyu ao lançar os critérios do que chama romance judaico; não vejo porque não imitar o primo e fazer deste arrazoado um piloto do que quero chamar ensaio judaico. Antes de indivíduos somos comunidade, mas não comunidade coesa e homogênea como pintam os estereótipos: definimo-nos pela divergência e pela pluralidade, corroemos nossos egos. Sendo nossa sina para sempre discordar – dois judeus, três sinagogas, como diz a piada –, prefiro conversar com você e sua obra a simplesmente analisá-los. É nos momentos de diálogo em que percebo com mais intensidade – desde o retorno – o cerne da vivência judaica. Baruch haShem! Já escrevo a uma hora e não saí dos prolegômenos... não consigo me desvencilhar da propedêutica. Melhor ir direto ao assunto.

Quando abro o arquivo PDF da última versão de Êxodo para buscar ponto de partida para nossa conversa, a primeira coisa que me chama a atenção nele não é da ordem do conteúdo ou da expressão,



é coisa ainda mais abstrata: falo do proceder de sua escritura e sua proposta de arquiteyto. Com base em observações que conduzi em nossas seções de récita e escrita, consigo dizer com segurança que, no desenrolar das linhas e dos fármacos, seu procedimento composicional se iniciava pela captação de ritmos e locuções sintáticas aleatórias de poemas que eu lia e se concluía pela rearticulação obsessiva dessas estruturas, conduzida por você em estado quase meditativo. Não raro aguardava uma hora pela conclusão do poema. A mistura do comportamento obsessivo aos efeitos do fármaco resultava em longas odes que cantavam, em sintaxe tortuosa, facetadas da experiência religiosa e ontológica do judeu contemporâneo. Eu também escrevia assim, à época, você bem sabe. No fatídico ano de 5777 a intensidade dos combustíveis abusados se refletia nessa poética raivosa, com ânsia de declarar sua identidade.

No começo de 5778 nós decidimos desacelerar os cálamos, por questões de corpo e alma. Eu e o Vicente sugerimos que você se enveredasse por outros modos de composição. Diferentemente daqueles escritores que amamos odiar em segredo, você não tomou para si essa empreitada sem preparo. “Dylan Thomas, Cummings & Drummond”, você declara, foram seus guias e fontes na construção da poética de *Êxodo*; Ginsberg e Augusto dos Anjos foram para a reserva. Do lado dos combustíveis, a troca se refletiu na adoção da névoa em vez da poeira. Você procura, agora, pelo Esh Tamid. Não se recitam as sílabas de *Êxodo* buscando quebrar a barreira do som, mas dilatá-la. Ainda que no meio da galáxia, seu Moisés caminha. Essa desaleceração de corrida a caminhada, no entanto, não se deixa desleixar: quando o menino judeu é visto na rua sem o violino, é porque toca piano, dita o chiste. Sua leitura da poética do conversador – como diria o Sensei – oculta arquitetura ainda mais arrojada que as de antanho: se lá o verso se fazia evidenciar, coagindo a leitura, aqui ele se disfarça de prosa, revelando paradoxalmente o ritmo que dita os caminhos da fala cotidiana. O mesmo vale para a extensão; a grandiloquência das odes se converteu na concisão arguta, inspirada sobretudo pela poesia Asiática. Lembro-me de nossos incessantes estudos sobre a forma haikai e nossa hipótese de que sua lógica enunciativa tivesse capacidade ímpar de ressignificar os temas centrais da literatura judaica; lembro-me também de termos nossas conclusões rechaçadas e



censuradas por acadêmicos dogmáticos e desatualizados, incapazes de respeitar até mesmo a complexidade de seus objetos de estudo. Não consigo ter outra coisa senão esse episódio em mente quando vejo a oposição entre a gagueira e a falibilidade de Moisés enquanto indivíduo e sua autoridade divina enquanto profeta engenhosamente desenhada nas sílabas de seu renga chamado, como o livro, Êxodo, em que os haikai encadeados se perfazem cenas da epifania divina no Sinai; ou quando recito os versos do epigrama chinês “Nevasca do Monte Sinai ao Longe”, que sintetiza a Lei revelada e, portanto, a essência do ser judeu, na profunda consciência da efemeridade e da pequenez humana diante da magnitude do cosmo. O filólogo do futuro será capaz de deduzir as aspirações globalistas e igualitárias de seu projeto estético, sem dúvidas, mas nunca deve esquecer de que esses versos encerram sua sutil vingança contra a nesciência dos críticos de nossa época.

Mas não é somente a partir do ponto de vista da lógica da escritura e do projeto estético que *Êxodo* se destaca como obra literária. Sabemos que o *magen David* é composto de dois eixos: ascendemos a *hashamayim* pela interpretação da Lei com os pés fincados em *haaretz*, mundo humano em que a aplicamos. Nossa poesia não somente se dedica à investigação de si mesma, mas busca colocar nossa própria situação de mundo. Vejo *Êxodo*, desse modo, – e creio ser este seu maior mérito – como o relato único da vida judaica, em que os episódios do exílio no Egito e suas provações são atualizados nos labores e nas benesses do indivíduo judeu no Brasil contemporâneo, cuja expressão e essência busca afirmar em território (sempre) hostil. Para além da importância de qualquer retorno físico à Terra prometida, podemos nós, os leitores de sua poesia, compreender a face cultural e histórica da *teshuvah*: retornar implica, antes de tudo, a recuperação de um modo de ser no mundo particular, esfacelado pela violência do exílio, e a redefinição de nossas próprias identidades. Tal como fez o cristão-novo exilado no Brasil colônia, que concebeu, no compreender-se marrano, os ideais de sua emancipação, seu trabalho poético, felizmente, cumpre em nossa tradição literária a tarefa de desenhar, como fizera também Ginsberg, a peculiar figura do poeta judeu no século XXI; esse personagem, avatar de nossa condição, pode finalmente devolver o mapa do percurso da autoconsciência



histórica a muitos marranos e tantos outros filhos de forçados. Libertos das amarras da ignorância de si próprios, serão esses – espero – os Carrucas que se verão representados em seus poemas.

A manhã que vem chegando com a coda de *Ornithology* denuncia meus excessos e me pede que coloque fim em nossa conversa. Se serviu a seu propósito em relação ao público leitor, não sei, e tenho propensão a esperar pelo fracasso. Pequeno sucesso que confesso, porém, pelo menos de minha parte; aquilo que guardo de sua poesia e de nossa amizade: poder, a partir do convívio fraterno e da reflexão poética, reencontrar, a cada verso, meu caminho de volta à tribo.

GLOSSÁRIO

שמות

Shemot: lit. nomes: nome hebraico para o segundo livro da Torá (Êxodo).

ערץ

Eretz: lit. terra: terra de Israel.

אל

El: abreviação de um dos nomes divinos: lê-se Elohim.

ערבית

Arvit: também recebe o nome de Maariv: primeira reza do dia, recitada após o por do sol.

מערץ מצרים לערץ ישראל

mèretz mitzraim l'eretz Israel: da terra de Mitzraim (Egito) à terra de Israel.

שיבנה בית המקדש במהרה בימינו ותן חלקנו בתורתך

Sheibane beit hamikdash/bimhera beiameinu/veten khelkenu/beTora-tekha: que o Templo seja erguido/a tempo em nossos dias/e nos dê a porção/em tua Torá.

אש תמיד

Esh Tamid: lit. fogo eterno: é a chama que perenemente queimava em cima do altar no Templo de Jerusalém.

Kotel: Muro de Jerusalém

Tikun Olam: lit. melhorar o mundo: conceito da teologia judaica.

התקווה

haTikvá: a esperança: hino do Estado de Israel.

קנמן-בשם

Kneman-Bosem: uma das ervas aromáticas do tabernáculo (cf. Êxodo 30:23).

טלית

Talit: acessório da indumentária religiosa judaica, consiste em um xale com quatro pontas nas quais pendem franjas (*tsitsit*): é usado durante as orações matutinas na sinagoga.



ירושלים

Ierushalaim: Jerusalém.

שחרית

Shakharit: segunda reza do dia, recitada ao amanhecer.

תורה

Torá: Pentateuco: consiste nos primeiros cinco livros da Bíblia Hebraica (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio).

זרע

Zera': semente.

מנחה

Minkha: última reza do dia, recitada entre Shahrarit e Arvit.

תלמוד

Talmud: compilado milenar de discussões rabínicas da Lei Judaica, também conhecido como Lei Oral.

עם האש תמיד

'Im haEsh Tamid: com o fogo eterno.

השם, הקדוש ברוך הוא

haShem haKadosh Barukh hu: o Nome Santo Bendito Seja: uma fórmula para se referir a D'us.

רמב"ם

Rambam: acróstico de רבנו משה בן מימון (Rabino Moshe ben Maimon): Maimônides, filósofo e erudito de al-Andalus.

נפש האדם

Nefesh haadam: alma humana

הלל

Hilel: um dos mais notáveis sábios do Talmud (60 a.EC-7).

יהי עור

Iehi 'Or: Seja Luz (Gn, 1: 3)





Êxodo é uma realização
da série Neûron
produzida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte,
Rodrigo Bravo e Matheus Bueno,
Grupo Neûron de Literaturas Experimentais

São Paulo, 2018